

Contos de fadas como ferramenta terapêutica em grupos: um relato de experiência a partir da abordagem psicanalítica

Bianca Silveira Zanuzo¹

Carla de Barros Menegat²

Resumo: O presente artigo trata-se de um relato de experiência realizado com um grupo de crianças de 5 anos de idade, na clínica Semear, em Porto Alegre. O trabalho foi realizado em junho de 2021, utilizando os contos de fadas como ferramenta terapêutica para auxiliar essas crianças a entrarem em contato com seus sentimentos a partir da contação de histórias. A linha teórica escolhida para nortear o trabalho foi a psicanálise, onde a partir da leitura do conto torna-se possível o acesso aos conteúdos inconscientes das crianças. Isso faz com que elas trabalhem de maneira lúdica seus afetos reprimidos que emergem a partir da projeção, utilizando a perspectiva da personagem principal. Na intervenção foram realizadas três atividades: leitura do conto, roda de conversa e desenho livre, cujos aspectos emergentes foram analisados a partir da teoria psicanalítica. O conto escolhido foi Cinderela, que trata de dilemas parentais similares às demandas das crianças do grupo, além de temas como o luto, alienação parental e demais processos típicos desta fase do desenvolvimento. Durante a atividade, foi possível observar uma identificação dos integrantes do grupo com a personagem principal, a partir das reflexões e comportamentos das crianças no decorrer da leitura.

Palavras-chave: Psicanálise; Contos de Fadas; Grupoterapia.

1 INTRODUÇÃO

“Contos de fada não dizem às crianças que dragões existem. Crianças já sabem que dragões existem. Contos de fada dizem às crianças que dragões podem ser mortos”
(G. K. Chesterton, 1909)

Na infância, a criança se depara com muitos dilemas dos quais ela não tem capacidade de compreender, e os contos auxiliam na assimilação dessas problemáticas. A ausência de um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1987/2013), a ansiedade e frustração de não ser

¹ Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Psicologia. E-mail: biancazanuzo@hotmail.com.

² Centro Universitário Cesuca. Docente do curso de Psicologia. E-mail: carla.menegat@cesuca.edu.br.

compreendido, causam na criança angústias difíceis de serem elaboradas por conta própria. Em um mundo tão ameaçador, os contos de fadas, têm sua importância pelo seu cunho educativo, onde apontam caminhos que podem ser traçados para a resolução dos problemas com os quais esbarramos.

A partir da compreensão dos contos de fadas, somos capazes de criar estratégias lúdicas para lidar com os conflitos e angústias da vida. Apesar de sabermos que na vida real nem tudo tem um final feliz, é reconfortante ouvir histórias onde personagens com vivências parecidas com as nossas, prosperam, a despeito dos dissabores que possam ocorrer. É como um encorajador para encararmos os desafios da vida. Os contos sugerem como agir quando nos encontramos com lobos e bruxas em meio a floresta, mostrando que independente do tamanho da dificuldade, dos tropeços e desencontros, no final sempre podemos encontrar nossa força e propósito, ainda que leve muitos capítulos para serem descobertos.

Segundo Estés (2005) no momento em que a criança ouve e se recorda dos contos, um processo semelhante ao de ligar uma tomada interna acontece. Ao serem ativados, evocam aspectos profundos da psique, permitindo que sejam compreendidos conteúdos que antes causavam estranheza. Na infância, é possível elaborar conflitos internos a partir da projeção, utilizando a perspectiva do personagem contado na história. Essa se torna uma maneira segura de acessar os conteúdos mais assustadores do inconsciente, ao mesmo tempo que mantém distância dos afetos que os desorganizam internamente (Bettelheim, 2009).

Além de trabalhar a cognição, a criatividade e a empatia, a criança elabora e aprende a respeito de seus próprios sentimentos, que são compreendidos por meio do personagem principal. De acordo com Bettelheim (2009), o conto auxilia a criança a trazer significado à sua vida, e a medida em que esta se desenvolve, é capaz de compreender a si mesma e aos outros, tornando-se apta a estabelecer relações saudáveis e satisfatórias.

A psicanálise, por sua vez, busca a compreensão de nossos conflitos internos, relacionando-os com processos inconscientes dos quais não temos acesso. Ela trabalha a partir de quatro elementos básicos que se tornam essenciais para o trabalho psicanalítico: o inconsciente, a interpretação, a resistência e a transferência (Mezan, 1996). A análise a partir desses elementos, traz à tona nossas questões mais primitivas, que ao serem encaradas possibilitam a elaboração e a ressignificação de nossos traumas. Deste modo, pretende aliviar a carga emocional, a eles atribuídos, acurando nosso autoconhecimento.

Os contos de fadas atrelados à psicanálise trabalham a partir da imaginação da criança, utilizando a história como ferramenta para acessar seus conteúdos internos. Os contos

explicam a vida de maneira lúdica, porém rica em conteúdo, fazendo com que o ouvinte se sinta pertencente àquela história, projetando nos personagens aquilo que é muito penoso reconhecer em si mesmo. Segundo Bettelheim (2009), os contos de fadas possuem em sua essência um dilema existencial de forma sucinta e categórica. Ele se tornam tão especiais devido a capacidade de personificar conteúdos interiores da mente, pois usa a mesma linguagem que o inconsciente. É a partir dessas sugestões simbólicas de como lidar com esses conflitos existenciais, que a criança pode amadurecer com segurança (Sbardelotto & Donelli, 2014).

Analisando os contos de fadas pelo olhar da psicanálise podemos entender como estes ocupam um lugar consolidado por tanto tempo em nossa sociedade, atravessando séculos e abrangendo diferentes culturas. As histórias dão significado ao sofrimento da criança à medida que esta se desenvolve. A leitura do conto serve como um agente de transformação, auxiliando no desenvolvimento de sua visão crítica, fundamental para a compreensão do mundo. A partir dessas histórias a criança tem a possibilidade de pensar sobre seus sentimentos e ter a esperança de que o sofrimento que a acomete venha a ser passageiro, como com os heróis das histórias. A generalização dos problemas é uma garantia de que ela não se encontra sozinha em sua dor (Corso & Corso, 2006).

Sbardelotto e Donelli (2014) concluíram que o terapeuta que faz uso dos contos no processo terapêutico tem a liberdade de acessar conteúdos ricos de significado, ao mesmo tempo em que a criança trabalha também, a sua criatividade. Desta forma, os contos de fadas vistos pelo olhar da psicanálise, se tornam ferramentas de grande utilidade no tratamento com crianças, sendo uma maneira prazerosa e significativa (para ambos) de dar sentido à demanda infantil.

2 METODOLOGIA

O trabalho trata-se de um estudo qualitativo que foi desenvolvido a partir de um relato de experiência. A intervenção foi realizada em um único encontro com período de 60 minutos, dividido em 3 etapas: leitura do conto, discussão sobre as histórias e desenho livre. Para isso, foi escolhido o conto da Gata Borralheira, também conhecido como Cinderela. A história trata de dilemas familiares, principalmente no que se refere à relação com a mãe, temática da qual as crianças podem se identificar durante a leitura. Solicitou-se à psicóloga aprovação para aplicar a intervenção com o grupo, assim como dos responsáveis pelos

participantes, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após isso, explicou-se às crianças a respeito do trabalho a ser executado, fazendo-os compreender a proposta da atividade.

Para dar início à intervenção, as crianças se sentaram formando um semicírculo no tapete da sala para ouvir a história. Para que o conto atingisse seu nível simbólico para as crianças, tornava-se importante que a maneira de contar envolvesse emocionalmente o ouvinte, para que a partir da empatia, a criança pudesse entender e significar a história (Bettelheim, 2009). Após a leitura, foi feita uma roda de conversa na qual discutiu-se o que entendeu da história. Nesse ponto foi possível identificar os pontos que chamaram a atenção das crianças, assim como sua interpretação. O último passo consistiu na elaboração de um desenho livre, momento no qual as crianças puderam expressar seus sentimentos evocados durante a hora do conto.

Segundo Klein (2017), o conto da Cinderela traz a temática do luto pela morte da mãe, representada na história pela existência entre as cinzas. É visto no decorrer da história que continuar nas cinzas não traria desenvolvimento nenhum a personagem, sendo necessário fazer um movimento para que ela saia dessa situação. O luto é fundamental para que se possa viver sem a pessoa amada, mas para uma elaboração saudável ele deve ser transformado em algo positivo, como a construção de um representante interno para esse objeto perdido. No conto, Cinderela chora sobre o galho que plantou, simbolizando o processo de luto pela mãe que se foi. A partir disso, o galho cresce e se transforma em uma árvore, demonstrando que Cinderela foi capaz de permitir que a memória de sua mãe permanecesse viva dentro dela, sendo transformada em uma lembrança saudável (Bettelheim, 2009).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção ocorreu na clínica Semear, localizada na Avenida Assis Brasil, 6666, Sarandi, Porto Alegre. A clínica oferece serviços no campo da educação e da saúde nas áreas de psicologia, psicopedagogia, psiquiatria e fonoaudiologia. O público mais atendido é o infantil, porém disponibiliza-se serviços à adultos e idosos advindos de situação de vulnerabilidade social. Muitos casos são encaminhados à clínica por meio da escola em conjunto ao conselho tutelar. A clínica trabalha a partir da abordagem de grupos operativos de Pichón-Rivière, trazendo um olhar da psicologia social, com o subsídio da psicanálise.

Realizo observações na clínica desde março de 2021, sempre trabalhando com grupos de crianças na faixa de 5 a 7 anos de idade, motivo pelo qual escolhi a temática dos contos de fadas atrelados à psicanálise. Os integrantes do grupo têm 5 anos de idade, com demandas relacionadas aos seus cuidadores, como o luto, confusão de papéis e alienação parental. O grupo é composto por dois meninos e uma menina e seus nomes foram alterados a fim de manter o sigilo dos pacientes.

Henrique está passando pelo processo de luto de sua mãe que faleceu há 7 meses, ao mesmo tempo que ainda não entende o conceito de morte. Seu pai conta que ainda não conseguiu levar o filho para conhecer o túmulo da mãe, por conta de seu próprio processo de luto, o que o faz negar o acontecido. O menino frequentemente questiona o pai a respeito do paradeiro da mãe, que tem como resposta apenas que ela “virou uma estrelinha e foi morar com o papai do céu” (sic), mas não sabe de fato o que isso significa.

Helena veio até o grupo por conta da alienação parental que tem sofrido, sua mãe se queixa da filha a chamar de “gorda” e se comportar mal desde que ela e seu marido se separaram. O pai induz a menina a romper com os laços afetivos que tem com a mãe, o que a deixa desorganizada interiormente, enfraquecendo o vínculo entre mãe e filha. Helena fazia acompanhamento individual com a psicóloga, que decidiu colocá-la na terapia em grupo por acreditar que a interação com outros participantes a beneficiaria.

Pedro foi levado até a clínica por sua avó, que não sabe como lidar com o momento pelo qual o menino está passando. Ele foi entregue à sua avó pela mãe quando tinha seis meses de idade, e tem contato com a sua genitora duas vezes por mês, o que o deixa muito confuso pois não entende o papel que a mãe desempenha em sua vida. O menino questiona a ausência dessa mãe e atribui a avó esse papel materno, chamando-a de “mamãe”.

A intervenção ocorreu de forma satisfatória, sendo perceptível a mobilização das crianças com a história contada. Percebeu-se que é preciso uma leitura lúdica para atrair a atenção das crianças, assim elas desfrutaram da riqueza da história, conseqüentemente tendo uma melhor compreensão da trama.

Foi possível perceber uma identificação dos participantes com a personagem da trama no momento da roda de conversa, conforme traziam suas interpretações, entravam em contato com seus sentimentos. Assim como na história de Cinderela, Henrique perde sua mãe de repente, tendo que lidar com sua ausência. Da mesma forma, Pedro teve de lidar com essa ausência ao ser entregue pela mãe à avó com seis meses. Helena também experimenta sentimentos relacionados ao luto, ao ser alienada pelo pai a transformar a imagem da mãe em

madrasta. Neste momento os integrantes manifestaram empatia e identificação com a personagem contada na história.

Durante todo o momento do desenho as crianças se mantiveram em silêncio, demonstrando que aquele era o momento onde iriam elaborar o que foi evocado no conto. Neste ponto os participantes acessaram suas fantasias universais, usando a arte como forma de expressão para canalizar os afetos despertados pela história. Percebe-se que o grupo se manteve envolvido na atividade, demonstrando que foi atingido o objetivo de auxiliar as crianças a se conectarem com seus sentimentos.

Os contos de fadas como ferramenta terapêutica são muito utilizados pela teoria psicanalítica por conta da sua riqueza em conteúdo. Possibilitam uma aproximação da criança com o terapeuta, que é capaz de trabalhar aspectos do inconsciente infantil de maneira lúdica. Além disso, os contos trazem temas pertinentes a cada fase do desenvolvimento vital, sendo de grande valia não só para crianças, mas pessoas de todas as idades podem fazer proveito dos ensinamentos contidos nos mesmos, dado sua riqueza de significados (Estés, 2005).

Dito isto, podemos considerar que não só as crianças se beneficiam da contação de histórias, como os adultos também. No momento em que apliquei a intervenção me foi possibilitado fazer essa troca junto aos pequenos, onde não somente eles aprendem, mas eu também assimilo muito com os contos e seus simbolismos, e principalmente com as crianças. Esta é uma maneira de se distanciar do pensamento concretista que adquirimos com a idade e se permitir ser envolto de significações emblemáticas presentes do conto (Estés, 2005).

Esses conhecimentos não são dados de maneira explícita e literal nos contos de fadas, pelo contrário, devem ser encarados como relatos simbólicos de experiências de vida. Desta forma, as crianças compreendem de maneira intuitiva o que foi trazido no conto, não sendo perceptível esse conhecimento de forma clara. Sendo assim, o conto se mostra um poderoso agente de mudança, por trabalhar dilemas tão complexos por meio da fantasia, transmitindo importantes mensagens ao inconsciente (Bettelheim, 2009).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada pode ser descrita como um marco em minha jornada universitária, pois me senti mais apropriada da psicologia do que antes. Além disso, esse instrumento me permitiu quebrar o paradigma de trabalhar com o público infantil, uma vez que pode ser muito prazeroso utilizar da psicanálise e dos contos de fadas para explorar o

interior repleto de significados das crianças. Me sinto cada vez mais apropriada da palavra psicóloga, embora saiba que há um longo caminho ainda a ser percorrido. Aprender e estudar conceitos são passos muito importantes para o estudante, mas ter a oportunidade de colocar em prática aquilo que se viu no decorrer do curso nos dá a segurança de que estamos no caminho certo.

Tendo em vista que o trabalho psicanalítico a partir dos contos de fadas se faz presente em minha vida desde o primeiro momento em que decidi ser psicóloga, considero essa uma ferramenta interessante no que tange o trabalho com crianças. Sendo assim, ressalto a importância em dar continuidade a esta intervenção com este grupo de crianças e, futuramente com outros pacientes da clínica, por conta de sua fácil aplicabilidade e eficiência com o público infantil.

REFERÊNCIAS

- Bettelheim, B. (2009). *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Chesterton, G. K. (1909). *Tremendas Trivialidades*. Ecclesiae
- Corso, D.L. & Corso, M. (2006). *Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Estés, C. P. (2005). *Contos dos Irmãos Grimm*. Editora Rocco.
- Gutfreind, C. (2010). *O Terapeuta e o Lobo*. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios.
- Klein, K. (2017). A importância dos contos de fadas na elaboração do luto infantil (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, RS.
- Mezan, R. (1996). *Psicanálise e psicoterapias*. Estudos Avançados, 10 (27), 95-108.
- Sbardelotto, F. C. & Donelli, T. M. S. (2014). Entre bruxas e lobos: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças. Contextos Clínicos, 7(1), 37-48.
- Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães*. (J. L. Camargo, Trad.) São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1987)